



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

Amanda Silva Araujo

**CORPO LÉSBICO: análise teórico-vivencial acerca da realidade de uma mulher lésbica desfeminizada no âmbito social.**

IMPERATRIZ-MA

2023

AMANDA SILVA ARAUJO

**CORPO LÉSBICO: análise teórico-vivencial acerca da realidade de uma mulher lésbica desfeminizada no âmbito social.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão/ UFMA, do Centro de Ciências de Imperatriz, como requisito para obtenção do título de licenciado (a) sob orientação do prof. Dr. Edson Ferreira da Costa.

Aprovado em: 01/08/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa  
(Orientador)

---

Profa. Dra. Vanda Maria Leite Pantoja  
(Examinadora)

---

Profa. Dra. Maynara Costa de Oliveira Silva  
(Examinadora)

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Silva Araujo, Amanda.

CORPO LÉSBICO : análise teórico-vivencial acerca da realidade de uma mulher lésbica desfeminilizada no âmbito social / Amanda Silva Araujo. - 2023.

32 f.

Orientador(a): Edson Ferreira da Costa.

Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz-MA, 2023.

1. Corpo desfeminilizado. 2. Heterossexualidade compulsória. 3. Mulheres lésbicas. I. Ferreira da Costa, Edson. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de deixar aqui o meu mais sincero obrigado! Aos meus pais, Leide Daiane e Francisco José, que desde sempre me mostraram com veemência o caminho da educação, que exaltaram minhas conquistas e demonstraram nos momentos de dúvida e inconstância o apoio e a fé que depositam em mim, que com garra e compreensão me educaram, sempre com amor e respeito a minha individualidade. A minha vó Marinete Lima pela profissional excelente e ser humano incrível que me inspirou desde sempre a ser uma profissional dedicada e responsável, e que a partir de agora é também minha colega de profissão, sou grata por compartilhar com você os ossos do ofício. A minha namorada Gabriely Martins, pelos momentos de inspiração e conversas intensas que tivemos enquanto dirigíamos para algum compromisso do dia, que embalaram e deram gás a minha escrita, tenho sorte de poder dividir com você também os ossos do ofício, você me inspira a ser uma profissional sensível e planejada.

Devo um agradecimento especial ao meu professor e orientador Edson Ferreira, por ter no início da graduação visto em mim alguma habilidade e desenvoltura para a pesquisa, por ter, sem cerimônia me convidado a iniciar um caminho na pesquisa que duraram 6 longos anos, sem dúvida, você foi um grande companheiro, professor, amigo e mestre, tenho sorte de com você ter aprendido e crescido dentro da academia.

Por fim, dedico este trabalho a todas as mulheres que produzem ciência de qualidade no Brasil. Às minhas professoras Vanda Pantoja e Claudia Silva por me inspirarem e fazerem parte de algo maior. Nós existimos!

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise teórico-vivencial a partir das obras *O Segundo Sexo* (1970) de Simone de Beauvoir, *Problemas de Gênero* (2003) de Judith Butler e um *Um corpo estranho* (2004) de Guacira Lopes Louro, no intuito de situar problemáticas que atravessam as vivências de uma mulher lésbica desfeminizada, tendo como objeto de análise parte da minha trajetória de vida. Partimos da identificação da heterossexualidade compulsória como matriz de pensamento que sustenta a compreensão social do ser mulher e ao mesmo tempo, se torna ponto de partida para pensar rupturas indenitárias expressas na subjetividade e na corporeidade dos sujeitos que rompem com a lógica padrão de vivência do gênero. A ruptura não ocorre somente no campo teórico, mas no próprio corpo das sujeitas lésbicas desfeminizadas representadas na minha trajetória de vida que exterioriza na escrita do meu corpo diversas formas de resistências e subversões da lógica binária heteronormativa.

**Palavras-chave:** Mulheres lésbicas. Heterossexualidade compulsória. Corpo desfeminizado.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo realizar un análisis experiencial a partir de las obras *O segundo sexo* (1970) de Simone de Beauvoir, *Problemas de género* (2003) de Judith Butler y *Un cuerpo extraño* (2004) de Guacira Lopes Louro, con el fin de situar cuestiones que cruzan las vivencias de una mujer lesbiana desfeminizada, teniendo como objeto de análisis parte de mi trayectoria de vida. Partimos de la identificación de la heterosexualidad obligatoria como matriz de pensamiento que sustenta la comprensión social del ser mujer y, al mismo tiempo, se convierte en punto de partida para pensar las rupturas identitarias expresadas en la subjetividad y corporeidad de los sujetos que rompen con la lógica estándar de la experiencia de género. La ruptura no se da solo en el campo teórico, sino en el cuerpo mismo de los sujetos lesbianos desfeminizados representados en mi trayectoria de vida que exterioriza en la escritura de mi cuerpo diversas formas de resistencia y subversiones de la lógica binaria heteronormativa.

**Palabras clave:** Mujer lesbiana. Heterossexualidad obligatoria. Cuerpo desfeminiz.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2. A DIMENSÃO ONTOLÓGICA DO SER MULHER .....</b>	<b>9</b>
<b>3. A RUPTURA DO BINARISMO BIOLÓGICO E CULTURAL .....</b>	<b>14</b>
<b>4. CORPO LÉSBICO: marcas e desvios de um sistema identitário.....</b>	<b>20</b>
<b>5. NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UM CORPO LÉSBICO .....</b>	<b>24</b>
<b>5.1 justificativa metodológica .....</b>	<b>25</b>
<b>5.2 Narrativa autobiográfica.....</b>	<b>26</b>
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>31</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Esse artigo surge de mim, para mim, sobre mim e se estende na medida em que observo e compreendo todas as outras que comigo compartilham desse lugar. O lugar de mulher lésbica, ou o não lugar que ocupamos em uma sociedade sedimentada por um ideal comportamental e corpóreo que começa e termina no masculino, no homem, no macho. Esse lugar marcado por violências e superações, por quebras e reconstruções, que começa na compreensão e descobrimento do meu próprio corpo como feminino, uma parte construída e constitutiva de um sistema binário. Esse corpo mulher, lésbico e desfeminilizado. Essa identidade construída primeiro dentro dos moldes heteronormativos, patriarcais e binário e que era previamente esperado, mas que inquieta. E é no processo de redescobrimento e readaptação com esse corpo, de ruptura desses padrões que me constituíam que passo a me compreender como sujeito dissidente, um corpo estranho, marcado, *queer*.

Apresentarei ao longo deste trabalho autoras e autores que fundamentam e norteiam os debates de gênero e sexualidade, por meio de uma revisão de literatura das obras *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir; *Problemas de Gênero* de Judith Butler e *Um corpo Estranho* de Guacira Lopes Louro e outras obras complementares que serão apresentadas ao decorrer de nossas discussões.

Ao longo do trabalho busco responder a questão norteadora da minha pesquisa que se estrutura na busca de compreender como as formulações teóricas a respeito da concepção de gênero e sexualidade atravessam a minha história de mulher lésbica desfeminilizada. Resgatando de forma sistemática e histórica a violência de gênero sofrida por todas aquelas que divergem e rompem com o padrão de feminilidade imposto e constantemente reafirmado através de uma heterossexualidade compulsória e de padrões comportamentais heteronormativos.

A literatura base selecionada é feita levando em consideração a importância que estas representam para a construção de uma série de debates feitos à cerca do gênero e sexualidade, algumas das autoras e autores aqui presentes também partilham do sentimento de pertencer a um corpo marcado, constantemente retirado dos lugares de visibilidade, corpo este que por ser lésbico, trans, não-binário ou qualquer umas das performances consideradas errantes sofre um contínuo processo de apagamento.

Neste artigo nos concentraremos não somente em realizar um levantamento teórico que der conta de um debate realizado sobre o tema em questão, mas para além disso, busco evidenciar uma escrita que funciona como ferramenta de libertação e reconhecimento. É por meio disso que este trabalho desenvolve-se a partir do método hermenêutico vivencial presente

no pensamento José Ortega y Gasset e desenvolvido por Costa (2019). Além disso, trazemos a categoria de Escrivivência desenvolvida por Conceição Evaristo (2020) também como ferramenta metodológica. Os dois colaboram para a construção de um trabalho que parte do reconhecimento da escrita e da produção científica enquanto um lugar a ser ocupado e trabalhado levando em consideração minhas próprias experiências e vivências, utilizando-as como possibilidade de ocupação e valorização de minha própria existência, identificando por meio da minha trajetória de vida e dos acontecimentos que me constituem um lugar de potência e de validação do meu corpo e do que o constitui.

A organização do artigo é feita pensando em uma continuidade entre teoria e vida, dessa forma, as sessões são distribuídas afim de destrinchar o que teoricamente está sendo debatido a respeito das condições sociais que contornam a produção do meu corpo e de todos aqueles que destoam de alguma maneira as normas vigentes. Iniciamos na primeira seção, a partir do pensamento de Simone de Beauvoir, o debate a partir do lugar de subjetividade que a mulher ocupa na sociedade e como este, colabora profundamente para a formação ontológica do ser mulher. Na segunda seção, aponto rupturas e continuidades epistemológicas na medida em que a autora Judith Butler, colocada aqui com a intenção de representar esse salto teórico, o faz a partir do momento em que busca romper com as problemáticas estritamente binárias que vinham sendo debatidas até então. Na terceira seção, utilizando do pensamento de Guacira Lopes Louro destaco a pluralidade dos sujeitos e como estas geram uma série de tentativas de invisibilização e de apagamento de nossos corpos, mas que por meio do entendimento teórico e do orgulho social é subvertido na medida em que há uma utilização desse lugar como ferramenta de resistência e contestação do que está majoritariamente posto. Por fim, tenciono a minha história de vida a partir da narrativa das minhas vivências de mulher lésbica desfeminilizada resgatando as marcas e situações postas em meu próprio corpo que caracterizam os movimentos de resistências e ruptura com a lógica padrão binária e heteronormativa.

O sofrimento que vivenciam todos os sujeitos que rompem com a lógica padrão, sujeitos esses que são denominados por Beauvoir como um *Outro*, ou por Butler como *Corpos Queer* ou por Louro como *Corpos Marcados*, e especificamente nesse trabalho representados pelas vivências das mulheres lésbica e especialmente as lésbicas desfeminilizadas, ou seja, que além de um desejo por alguém do mesmo sexo se apresenta para o mundo de uma forma que evidencia um descontentamento ou pelos menos, uma não necessidade de cumprimento dos padrões de feminilidade impostos a todas as mulheres nos moldes sociais. Esse trabalho é uma tentativa de ecoar as vozes daquelas que vão na contramão da lógica de uma matriz heterossexual, é uma tentativa de ecoar a minha própria voz.

## 2. A DIMENSÃO ONTOLÓGICA DO SER MULHER

Este trabalho é pensado a partir de uma discussão muito mais ampla que tem sido desenvolvida nos últimos séculos. Desde a sistematização política e social do movimento feminista que tem um significativo desenvolvimento datado no século XIX, período esse que concentrou uma grande frente de luta e resistência feminina que visavam naquele período propor profundas mudanças na organização social pautada no benefício e enriquecimento masculino, dentro dessas reivindicações temos propostas voltadas para a criação de postos de trabalho a serem ocupados por mulheres, o direito ao voto, acesso à educação formal além de muitas outras reivindicações que se encontravam no centro das manifestações feministas. Beauvoir tem uma importante representação nesse primeiro momento, ao mapear as lutas e os enfrentamentos pelos quais passam o movimento feminista no século XIX, nas palavras da autora:

No século XIX, a querela do feminismo torna-se novamente uma querela de sectários; uma das consequências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: nesse momento as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem-se mais agressivos. Embora os bens de raiz se achem em parte abalados, a burguesia apega-se à velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça; mesmo dentro da classe operária os homens tentaram frear essa libertação, porque as mulheres são encaradas como perigosas concorrentes, habituadas que estavam a trabalhar por salários mais baixos (BEAUVOIR, 1970a, p. 17).

Esse primeiro movimento feminista, é nomeado como primeira onda, essa nomeação acontece decorrente a autodenominação das novas formulações do movimento que se organizava no início do século XX como sendo uma segunda onda do feminismo. Com o início de um novo centenário, e resultante da transformação abrupta do funcionamento social (decorrente dos acontecimentos históricos datados, como Primeiro e Segunda Guerra Mundial), além das vitórias conquistadas através da primeira onda, se tem a configuração de uma nova roupagem do feminismo, denominado Segunda Onda, dotado de novas perspectivas de conquistas políticas e novas pautas, mas que ainda carrega algumas das reivindicações que vinham sendo buscadas antes e que não foram atendidas.

É nesse contexto que surge a figura central que fundamenta a discussão feita neste tópico, Simone de Beauvoir que lança o seu livro intitulado “O Segundo Sexo: Fatos e Mitos” no ano

de 1970. A autora trata nesta obra a respeito das dificuldades e limitações às quais são submetidas as mulheres no seio da sociedade. Beauvoir busca através de suas discussões compreender e externalizar a respeito do lugar ocupado pela mulher na sociedade ou o não lugar ao qual são reiteradamente destinadas, evidenciando em seus escritos a superioridade masculina e o controle que estes têm da sociedade, na fala da autora “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo.” (BEAUVOIR, 1970a, p. 10), a configuração social é, portanto, voltado para o benefício e a fim de possibilitar a superioridade masculina.

Uma sociedade onde há inerentemente uma categorização de posições mais ou menos privilegiadas, gera inevitavelmente uma série de invisibilização e violências que acometem os sujeitos que não dispõem de uma posição de poder. É nessa relação de poder que a mulher é colocada e tratada como um *Outro*. Essa é uma categoria central na compreensão do que Beauvoir entende da relação social entre homens e mulheres.

A autora explica o lugar de *Outro* como:

A categoria do *Outro* é tão original quanto a própria consciência. Nas mais primitivas sociedades, nas mais antigas mitologias, encontra-se sempre uma dualidade que é a do Mesmo e a do Outro. A divisão não foi estabelecida inicialmente sob o signo da divisão dos sexos [...]. Nenhuma coletividade se define nunca como Uma sem colocar imediatamente a Outra diante de si (BEAUVOIR, 1970a, p. 11).

Entende-se, portanto, que a relação entre os sexos dada primeiramente em um formato desigual, onde há superioridade de um em relação ao outro, pode ser entendida dentro da dinâmica explicitada acima, é no movimento de construção de uma Identidade masculina absoluta que o homem define o lugar da mulher na sociedade, estas são reiteradamente postas nesse que lugar que se apresenta como uma posição que anula qualquer tentativa de autenticidade, que impossibilita qualquer tentativa de construção de uma identidade autônoma, tudo aquilo que o Outro sabe sobre si é produto de um sistema de significações que refletem do Um, portanto é a partir do entendimento que o homem é o Sujeito, o Absoluto, que a mulher é o Outro (BEAUVOIR, 1970a).

O estudo da relação entre o Um e o Outro surge de um debate ontológico<sup>1</sup> e de um viés filosófico existencialista<sup>2</sup>, essa discussão ontológica do ser amplia sua compreensão entendendo que este se constrói também e principalmente a partir da relação com um Outro, nas palavras de Beauvoir (1970a, p.12) “nenhum sujeito se coloca imediata e espontaneamente como inessencial; não é o Outro que definindo-se como Outro define o Um; ele é posto como Outro pelo Um definindo-se como Um”.

É no momento definição daquele que está diante de mim e a partir da compreensão deste como aquilo que eu não sou, que se torna possível definir-me, sendo assim, a formação ontológica do ser se dá por meio da necessidade de definição de um Outro, de forma que esse movimento obedeça a uma lógica de superioridade, pois entende-se que este Outro a ser definido dispõe de características das quais não me cabe, e que por meio disso, o lugar que este irá ocupar tende a ser inferior a posição que eu ocupo.

A corrente filosófica pautada no existencialismo entende que a formação ontológica do Ser acontece por meio de uma relação de alteridade compartilhada. Nas palavras de Sartre (1997, p. 290),

[...] o outro não apenas revela-me o que sou: constitui-me em novo tipo de ser que deve sustentar significações novas. Este ser não estava em mim em potência antes da aparição do outro, pois não teria encontrado lugar no Para-si, e mesmo se algo se satisfizesse em me dotar de um corpo inteiramente constituído antes que esse corpo fosse para os outros [...], pois estas são significações e, como tais, transcendem o corpo e remetem ao mesmo tempo a uma testemunha capaz de compreendê-las e à totalidade de minha realidade humana. Mas este novo ser que aparece para o outro não reside no outro: eu sou responsável por ele.

Dessa forma, a relação com um Outro é fundamental para validar a sua existência enquanto ser, é por meio disso que para Beauvoir (1970) a categoria do Outro não se estabelece apenas na divisão entre os sexos, todavia, é fruto de todos os processos de significações e construção ontológica do Ser.

Pensando, portanto, na mulher enquanto uma categoria ontológica e a partir de um viés existencialista, percebe-se que o entendimento desta é fruto do processo de significação do ser que é originalmente o homem, que se entende enquanto subjetivo e suficiente e que nesse processo de significação categoriza-as enquanto um Outro significante. É decorrente desse

---

<sup>1</sup> Discussão que parte da fenomenologia ontológica de Sartre desenvolvida em seu livro “O ser e o nada”, publicado em 1943. A obra revela a influência do filósofo em torno do pensamento fenomenológico de Husserl.

<sup>2</sup> Movimento teórico ao qual Beauvoir está inserida juntamente com Jean Paul Sartre em que compreendem a realidade a partir de um viés existencialista que tem a liberdade e a nadificação do sujeito como categorias centrais de compreensão do humano.

processo de construção de uma identidade masculina, que para além disso, representa também um todo que é tudo em si, que a mulher se vê presa a um destino, que é acima de tudo, feminino.

É partindo do lugar que ocupa a mulher na sociedade, este lugar de Outro que é reiteradamente sustentado por meio de formulações biológicas, psicanalíticas, econômicas entre outras dimensões, que se torna possível compreendermos o que Beauvoir aponta em seus estudos de gênero sobre as constantes tentativas de manutenção da superioridade masculina. A partir do que diz a autora, “ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro” (BEAUVOIR, 1970a, p.23), este movimento pode ser identificado nas novas formas de violência contra a mulher, na dominação masculina sob os corpos femininos, na delimitação do que se entende enquanto uma mulher feminina e uma mulher falha, superioridade essa que precisa ser inserida nos processos de domesticação e na representação heteronormativa das relações de gênero, que necessita ser recolocada constantemente nos papéis a serem desempenhados pelas mulheres na sociedade, portanto, este lugar soberano não é inerente, essencial, não está posto aos homens desde o seu nascimento, não são estes naturalmente viris, assim como não são as mulheres naturalmente frágeis, todas essas significações fazem parte de um projeto de manutenção do lugar privilegiado que ocupam os homens na sociedade, em todos os tempos.

Não obstante, não existe uma natureza feminina, assim como também se há um destino atribuído a estas, este pertence a algum projeto político e sociocultural que favorece alguém. Conforme a autora,

Finalmente, uma sociedade não é uma espécie: nela, a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem sua atitude ontológica. Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a tabus, a leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza (BEAUVOIR, 1970a, p.56-57).

A noção cultural do Ser Mulher, essa categoria ontológica que se apresenta enquanto uma Identidade única, passa antes por um processo árduo e sistematizado de construção e de reprodução de valores previamente estabelecidos e vivenciados que são sustentados a partir de formulações teóricas que são destinadas a explicar e definir razões que justifiquem a situação da mulher

Nas palavras de Beauvoir (1970b, p.9):

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino.

Destarte à luz do que falava a autora supracitada, o gênero entende-se enquanto uma construção cultural, a mulher à medida em que é posta na sociedade como tal, passa a responder por diversos processos de reafirmação dessa identidade, o que é feito por meio da performance da feminilidade, da heteronormatividade, dos papéis de gênero e das mais diversas regras sociais implícitas ou explícitas que garantem a manutenção desses códigos. O mesmo se dá, e de forma primeira ao masculino, o homem é ao mesmo tempo produtor e produto dessa teia de significações, também perpassa códigos de condutas e parte de um processo de construção, o que difere essas vivências é o lugar ocupado por esses sujeitos, enquanto um dispõe e constrói um sistema que o favorece, outro é vítima e parte ilegítima deste.

Por conseguinte, em uma tentativa de fuga desse sistema que as oprime e violenta, uma parcela das mulheres identificam-se como parte de um todo e partem para uma mobilização conjunta a fim de romper com essa lógica, o que é exemplificado no início das discussões deste tópico. Os movimentos feministas que caminham em prol de uma transformação abrupta nas relações de gênero, são identificados como parte fundamental no processo de ruptura com essa lógica patriarcal. Esses movimentos colaboram para a libertação feminina nos séculos XIX e XX, liberdade essa que se apresenta não somente no âmbito político institucional, como também na libertação sexual das mulheres.

Novas formas de vivências da sexualidade feminina, que rompem até certo ponto com a lógica hétero compulsória<sup>3</sup>, começam a ser mais publicamente apresentadas. É na metade do século XX que o movimento de mulheres lésbicas passa a ganhar força no Brasil e no Mundo, apresentando-se enquanto um grupo de resistência que luta contra as limitações impostas às mulheres, e principalmente a violência direcionadas às mulheres lésbicas que duplamente se revoltam, primeiro com a lógica patriarcal e falocêntrica que organiza a sociedade em prol do homem e segundo contra a lógica hétero compulsória que condiciona às mulheres a relações hétero centradas. É portando na chamada segunda onda do feminismo e por meio dos

---

<sup>3</sup> A expressão “hétero compulsória” nesse texto advém do termo Heterossexualidade compulsória, categoria esta que é amplamente debatida e utilizada por autoras como Adrienne Rich (2010), Monique Wittig (1970) e Judith Butler (2003). Este é pautado levando em consideração a ideia de que as relações de gênero estão organizadas a partir de um binarismo estrutural. A heteronormatividade apresenta-se enquanto uma ferramenta de manutenção de um regime sexual compulsório, que não se dá, portanto, de forma natural, mas sim, através da repetição e da reiterada negação às dissidências.

questionamentos teóricos feitos acerca das normas e da matriz heterossexual, que uma quantidade de feministas lésbicas passa a se organizar internamente (LINO, 2019).

Consequentemente, a violência destinada a aqueles que negam o falo, que se negam a menosprezar as suas identidades a fim de colaborar para uma manutenção da lógica padrão, são duplamente perseguidas na sociedade, primeiro e naturalmente por serem mulheres e segundo por “quererem ser homens”. Essa afirmação apresenta-se enquanto uma grande problemática, conforme Beauvoir (1970b, p. 148) ao entender que “definir a lésbica "viril" pela sua vontade de "imitar o homem" é votá-la à inautenticidade”), sendo assim, reiteramos que a relação de construção do Ser Homem se dá a partir do entendimento que a mulher é o Outro que não o é, portanto, as mulheres lésbicas representam dentro desse sistema, uma afronta que deve ser eliminada.

É evidente que a autenticidade da mulher, que tem sido duramente construída e defendida nessa sociedade, é atravessada por diversas frentes de violências que buscam incessantemente freá-las. Entender a dimensão ontológica do ser mulher é, primeiramente, compreender que essa tem partido desde sempre de um lugar masculino. O lugar da mulher estudado e explicado pelas diversas áreas do conhecimento foi desde sempre definido por um não lugar que estas ocupam, ou seja, sempre foram significadas como uma falta daquilo que transbordava do masculino, que sempre foi ao mesmo tempo, tudo o que importa e para o qual tudo deve significar.

Concluimos esta sessão evidenciando uma ruptura teórica, no sentido de que há na escrita de Beauvoir uma dimensão muito presente de um binarismo do sexo e gênero, que trata essas categorias a partir de um dualismo homem/mulher, feminino/masculino. Entendemos que essa discussão inicia um ciclo de rupturas epistemológicas que se amplia com Butler mediante essa lógica binária ao trazer para a discussão teórica e vivencial diversas outras vivências que não se encontram até então compreendidas no campo do debate público.

### **3. A RUPTURA DO BINARISMO BIOLÓGICO E CULTURAL**

Simone de Beauvoir se apresenta enquanto uma precursora das discussões que começam a ser feitas no XX a respeito do gênero e principalmente pensado em problematizar o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade. As problemáticas levantadas por Beauvoir são bastante consistentes para aquela época e, sem dúvidas, revelam uma nova forma de pensar a sociedade e de elaborar rupturas ao sistema patriarcal imposto desde sempre.

Essa discussão é toda pensada em um contexto social, político e cultural em que as problemáticas eram muito mais centradas em fatores binários, no sentido de evidenciar uma “guerra entre os sexos”, dessa forma, tudo o que produz a autora está situado em um campo binário de gênero, que supõe e reafirma uma cultura falocêntrica, heteronormativa e que centraliza o debate em uma identidade e em vivências estritas às mulheres.

Considerando que essa produção é uma tentativa de fazer um resgate literário que dê conta de evidenciar e contribuir para uma discussão que discorre a respeito das violências e apagamentos pelos quais passam os sujeitos *queer* e aqui particularmente a mulheres lésbicas que não performam feminilidade, ampliamos nossa discussão buscando romper com essa lógica binária a respeito do gênero. Para que seja possível realizar esse movimento, utilizaremos das ideias da autora Judith Butler, especificamente de seu livro intitulado “Problemas de Gênero” de 2003.

Butler escreve o livro no final do século XIX e o tem como um de seus primeiros livros publicados. Este abre um grande caminho de reformulação das discussões de gênero e amplia profundamente o debate.

A autora inicia um processo que busca romper com a compreensão binária do gênero e acaba por tecer algumas críticas à forma como o movimento feminista se organiza/organizava na época. Butler é compreendida não somente enquanto uma crítica de Beauvoir, mas acima de tudo como uma filósofa contemporânea fundamental na compreensão de um movimento feminista mais abrangente e inclusivo, além de elaborar uma teoria própria que nos auxilia de forma muito importante na compreensão de corpos *queer* (RODRIGUES, 2019).

O primeiro movimento de ruptura feito por Butler é o de contestar os mecanismos utilizados pelo movimento feminista e a forma como este se assenta em uma política representacional e, portanto, acaba por enlocar a ideia da mulher enquanto “sujeito” do feminismo (FIRMINO; PORCHAT, 2017). A filósofa entende que a forma como esses movimentos se organizavam e a forma como estes se identificavam produzia uma série de invisibilização aos sujeitos dissidentes<sup>4</sup>. Conforme a mesma diz:

Assim, o sujeito feminista se revela discursivamente constituído, e pelo próprio sistema político que supostamente deveria facilitar sua emancipação, o que se tornaria politicamente problemático, se fosse possível demonstrar que esse sistema produz sujeitos com traços de gênero determinados em conformidade com um eixo diferencial

---

<sup>4</sup> Sujeitos dissidentes representam àqueles que escapam à norma, que divergem do que é posto majoritariamente. Neste caso refere-se aos sujeitos que não se encontram incluídos nas representações políticas pois não obedecem aos requisitos de aceitabilidade.

de dominação, ou os produz presumivelmente masculinos. Em tais casos, um apelo acrítico a esse sistema em nome da emancipação das “mulheres” estaria inelutavelmente fadado ao fracasso (BUTLER, 2003, p. 15-16).

Sendo assim, os movimentos feministas buscam por meio de suas organizações delimitar uma identidade feminina comum, que daria conta de abarcar e representar todas as mulheres, que supostamente disporiam das mesmas vivências e partiriam de uma mesma identificação. Isso representa pra Butler uma grande problemática na medida em que parte de um princípio comum entre todas as mulheres, princípio esse que consciente ou inconscientemente viria de algum fator natural a todas elas, o que acabaria por se assimilar às justificações utilizadas por aqueles que têm o interesse de oprimi-las, utilizando-se de dados biológicos, psíquicos e tantos outros como mostrado anteriormente na discussão feita por Simone de Beauvoir.

Na tentativa de representar politicamente as *mulheres* através do movimento feminista, se tem uma perigosa delimitação de um sujeito único do feminismo que possibilitaria uma melhor representação política, principalmente no tocante à conquista de direitos e levantamento de pautas comuns a todas, o que conseqüentemente gera um grande processo de exclusão e invisibilidade aqueles e aquelas que não se sentem ou que não representadas a partir desse ideal. De acordo com o que fala a autora, “o próprio sujeito das mulheres não é mais compreendido em termos estáveis ou permanentes” (BUTLER, 2003, p. 15). Entende-se, portanto, que a tentativa de representar às mulheres dentro do movimento feminista a partir de conceitos binários e estáticos, que normalmente são utilizados pelos opressores para justificar e designar qual lugar deve ser ocupado pelas mulheres na sociedade, é repetir um erro e continuar limitando-as.

E é nesse movimento de contestação da forma como tem se realizado os debates a respeito do gênero até então, que parte de uma lógica binária, que a autora passa a compreender o gênero como parte de uma sequência de *performances* realizadas pelos sujeitos. Seria então o gênero não somente construído culturalmente como falava Beauvoir, mas este é também performativo.

Essa ideia está ligada ao entendimento que Butler tem de que não só o gênero é constituído a partir de valores postos culturalmente, mas que o próprio corpo passa por esse processo de construção, o que rompe com a ideia de que o corpo corresponde a uma categoria natural ou biológica e que, portanto, o gênero representaria aquilo que é inserido no sexo através de uma construção, neste caso, sexo e corpo estariam ligados essencialmente a um lugar de “naturalidade”. Nas palavras da autora:

Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os

corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero; e emerge então a questão: em que medida pode o corpo *vir a existir* na(s) marca(s) do gênero e por meio delas? Como conceber novamente o corpo, não mais como um meio ou instrumento passivo à espera da capacidade vivificadora de uma vontade caracteristicamente imaterial? (BUTLER, 2003, p.24).

Nesse ponto há uma evidente divergência a respeito do que pensa Butler e o que pensava Beauvoir. Na medida em que Beauvoir considerava uma descontinuidade e uma distinção entre sexo e gênero, onde o sexo seria essencialmente natural e corresponderia, portanto, aquilo que está posto biologicamente nos corpos e o gênero está associado as diversas produções e significações que se dá ao corpo e que está inserida neste (BEAUVOIR, 1970). Diferentemente disso, Butler (2003) rompe com essa lógica a partir do momento em que considera que não se pode separar corpo e mente, ao contrário do que vinha fazendo a filosofia ocidental baseada no dualismo cartesiano argumentado por Descartes.

Essa ideia de que há um corpo biológico imutável e uma mente criadora de um “eu real” é para Butler (2003) um equívoco, na medida em que a autora considera que o próprio corpo é um construto social tanto quanto o gênero, este “corpo” associado aqui a ideia de sexo como natural e que seria para Beauvoir um fato biológico e o gênero então adquirido, para Butler (2003) o corpo é também uma construção a partir do momento em que este representa noções estáticas de uma continuidade entre sexo-gênero-desejo, ou seja, a categoria “mulher” sugere no seio da sociedade uma continuidade para a representação de um corpo feminino e este por sua vez sugere uma desejo que é heterossexual. Por meio do que fala a autora:

A teoria de Beauvoir implicava consequências aparentemente radicais, que ela própria não entretinha. Por exemplo, se o sexo e gênero são radicalmente distintos, não decorre daí que o ser de um dado sexo seja tornar-se de um dado gênero; em outras palavras, a categoria de “mulher” não é necessariamente a construção cultural do corpo feminino, e “homem” não precisa necessariamente interpretar os corpos masculinos. Essa formulação radical da distinção sexo/gênero sugere que os corpos sexuais podem dar ensejo a uma variedade de gêneros diferentes, e que, além disso, o gênero em si não está necessariamente restrito aos dois usuais. Se o sexo não limita o gênero, então talvez haja gêneros, maneira de interpretar culturalmente o corpo sexuado, que não são de forma alguma limitados pela aparente dualidade do sexo (BUTLER, 2003, p. 151-152).

É partindo desse debate acerca do corpo, que representa para nós uma categoria central, que fazemos o mesmo movimento feito por Butler no sentido de uma ruptura teórica do entendimento que se tem até então, de uma dualidade inerente entre corpo/mente onde necessariamente corpo representa o natural e mente representa o cultural. Butler (2003, p.156) teoriza que “a “nomeação” do sexo é um ato de dominação e coerção, um ato performativo institucionalizado que cria e legisla a realidade social pela exigência de uma construção

discursiva/perceptiva dos corpos, segundo os princípios da diferença sexual.”. Dessa forma, não só o gênero é formado, mas o próprio sexo passa por um processo de construção por meio do discurso e do que a autora nomeia enquanto “atos de fala”, é daqui que surge uma outra categoria central para nossa discussão que é a ideia de *performance*.

Baseado nas ideias de Foucault e tomando emprestado dimensões teóricas da linguística, a filósofa menciona que:

Para Foucault, o corpo não é “sexuado” em nenhum sentido significativo antes de sua determinação num discurso pelo qual ele é investido de uma “ideia” de sexo natural ou essencial. O corpo só ganha significado no discurso no contexto das relações de poder. A sexualidade é uma organização historicamente específica do poder, do discurso, dos corpos e da afetividade (BUTLER,2003, p.126).

A linguagem desempenha um importante papel dentro da categoria de *performance* fundamentada pela autora. Considerando que a linguística é utilizada dentro do seio social, de forma que,

Para Saussure, o signo linguístico possui um lado mental e um lado social, visto que sempre forma um sistema inserido dentro de uma sociedade [...]. Para a filosofia da linguagem, os nomes são verdadeiros invólucros para as coisas nomeadas. Disso podemos inferir a diferença dos nomes para os sinais naturais. Ambos remetem para algo fora de si mesmos; os signos linguísticos, porém, só têm sua razão de ser enquanto elemento de um sistema, uma cultura. Assim, os signos linguísticos pressupõem sempre os seus usuários e são constituídos por eles e para eles (CASTIM, 2017, p. 2).

Dessa maneira, o interior do discurso é dentro das relações sociais uma ferramenta poderosa no processo de produção de significados e significantes. Ou seja, falar sobre algo e neste caso falar de corpos sexuados não é apenas descrevê-los, mas para além disso é também construí-los. Butler (2003) toma emprestado de Austin o entendimento a respeito de “atos performativos” ou “atos de fala”, entende-se que:

Performativo é o ato produzido que realiza o ato que está sendo enunciado. É interessante o exemplo que Victoria Wilson nos dá: *Ajoelhou tem que rezar*. Para Austin, dizer algo equivale a três atos simultâneos:

- o ato locutório: baseado nos níveis fonético, sintático e referencial. Baseado no conteúdo linguístico usado *para dizer algo*;
- o ato ilocutório: é o ato central; para Austin, é aquele que tem a força performativa. Associado ao modo de dizer e ao modo como esse dizer é recebido em função da força proferido;
- o ato perlocutório: equivale aos efeitos causados sobre o outro, servindo a outros fins, como influenciar o outro, persuadi-lo a fazer algo, causar um embaraço ou constrangimento (CASTIM, 2017, p. 4).

Neste caso, é no interior do discurso e por meio deste que o corpo se assume enquanto sexuado, e isso se dá por meio de *performance* que estes corpos executam a fim de atender aos enunciados sobre eles. No caso do sexo, este está impregnado por um discurso que dita os rumos sociais a serem trilhados, portanto, definir discursivamente o sexo enquanto “masculino” e “feminino” é esperar que estes desempenhem atos performativos a fim de atender a esse discurso que o antecede, essas performances são decorrentes por exemplo, das respostas que se busca formular a partir de perguntas como “você é mulher?”, “você é homem?”, “Qual a sua sexualidade?”. É importante destacar que respostas a tais questões migram do campo do discurso para o campo da ação na medida em que vestir uma determinada roupa, a forma de falar e se comportar e o uso de acessórios, por exemplo, representam respostas a essas questões.

Por meio disso, entende-se que a sociedade é organizada a partir de uma lógica que obedece primeiramente a uma dinâmica entre o feminino e o masculino. Essa relação produz uma série de representações que estão majoritariamente pautadas em uma heterossexualidade do desejo<sup>5</sup>, de forma que naturalmente há uma continuidade entre sexo-gênero-desejo, como se um fosse automaticamente a continuação natural do outro, ou seja, nascer mulher é automaticamente participar de uma série de fatores representativos que confirmem isso, que é caracterizado enquanto feminilidade e a repetição disso conduz “naturalmente” ao desejo que é heterossexual, ou seja, nascer em um corpo “macho” ou “fêmea” indica naturalmente a um dos dois gêneros possíveis “feminino” ou “masculino” e este conduz a uma maneira de desejo que se destina naturalmente ao desejo ao sexo oposto (LOURO, 2004).

Tudo isso faz parte do que a autora denomina enquanto performance, e de acordo com o que diz Butler (1990, p.187, grifo da autora), “como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma *performance repetida*” de forma que, assim como discutido anteriormente o ser homem ou ser mulher não é determinado através do nascimento, por termos biológicos como o sexo, mas é construído e constantemente repetido na forma como as pessoas agem, como falam, se comportam, sendo assim o gênero é uma performatividade.

A performance acontece a partir de uma relação dialógica entre os seres, pois envolve as expectativas alheias e aquilo que é feito a fim de responder a essas expectativas. Portanto, as roupas, os acessórios, a maquiagem e tudo o que compõe socialmente a feminilidade/masculinidade ou a identidade de gênero de um sujeito como já falado anteriormente, não passa de uma série de performances desenvolvidas com o intuito de agradar.

---

<sup>5</sup> “A heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de “macho” e de “fêmea” (BUTLER, 2003, p.35).

Esse conceito é pensado por Butler a fim de questionar as categorias que são entendidas como naturais e essenciais dentro do entendimento e distinção dos gêneros, que obedece a um binarismo. A autora utiliza um exemplo de performance que sorratamente contesta essas categorias binárias e que desestabiliza a noção de identidade sexual como algo imutável e permanente, que é o caso das *drags queens*. Conforme Butler (1990, p. 183-184),

Ao imitar o gênero, a drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero — assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural da sua unidade fabricada.

Isso posto, compreende-se que o corpo é esse campo de transformações e que possibilita parodiar a unidade fabricada do sexo e gênero, nas palavras da autora:

A noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é da própria ideia de um original; assim como a noção psicanalítica da identificação com o gênero é constituída pela fantasia de uma fantasia, pela transfiguração de um Outro que é desde sempre uma “imagem” nesse duplo sentido, a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual se molda o gênero é uma imitação sem origem (BUTLER, 2003, p.184).

É desse corpo que fala Butler, esse corpo que não pode ser previamente posto como uno ou acabado. É dessa corporeidade estranha e confusa que nascem os sujeitos *queer*, dissidentes, que caminham no sentido oposto das limitações categóricas às quais estão submetidos os sujeitos nas mais diferentes culturas e nas mais diferentes linhas de pesquisa. E é de um corpo *queer* que falamos neste trabalho, que confunde as categorias, mulheres que na construção ou desconstrução de identidades se veem apagadas ou excluídas dos âmbitos sociais mais diversos. A compreensão dessas identidades enquanto transitórias e performativas, nos auxiliam no processo de compreensão de corpos lésbicos, especialmente as mulheres que não performam feminilidade, “nós” sapatão que subvertem as regras impostas ao gênero e que brincam com as categorizações, com as marcas que nos definem, que nos despimos das vestes heteronormativas e sofremos com esse movimento.

#### **4. CORPO LÉSBICO: marcas e desvios de um sistema identitário.**

As formulações e definições do ser homem e mulher obedecem, desde sempre, a uma lógica social que funciona enquanto uma régua reguladora (LOURO, 2000). Compreende-se dessa forma, que a formulação de uma identidade padrão não obedece a fatores naturalmente postos, mas contrariamente advém de um longo processo de construção social, cultural e intelectual, a fim de atender o interesse das classes dominantes.

Ampliamos essa discussão a partir do momento que entendemos que a luta pelo reconhecimento e pela libertação dos sujeitos dissidentes, extrapola a discussão binária que vinha sendo feita até a metade do século XX. Pois as teorias pós-estruturalistas esbarram no decorrer das evoluções e redescobrimentos, em um sujeito muito mais complexo e volátil. Nas palavras de Louro (2004, p. 28):

Mas o que o torna ainda mais complexo é sua contínua transformação e instabilidade. O grande desafio não é apenas assumir que as posições de gênero e sexuais se multiplicaram e, então, que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários; mas também admitir que as fronteiras vêm sendo constantemente atravessadas e - o que é ainda mais complicado - que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira.

Dessa forma, compreende-se que o debate em torno do gênero não está mais somente no entorno das reivindicações feministas. Esse debate se encontra reiteradamente em um lugar indeterminado, ora trata-se do reconhecimento da identidade dos sujeitos, ora no lugar de desconstrução de identidades. É interessante aqui perceber a ascensão de teorias que defendem uma política pós-identitária<sup>6</sup>.

Especialmente nesta seção trabalharemos a partir do pensamento da autora Guacira Lopes Louro, que tem sido de grande influência nos estudos de gênero e sexualidade, inspirando-se e dando continuidade à teoria *queer* inaugurada por Butler. Louro assenta seu pensamento, pautando-o em construir e sedimentar propostas que colaborem para a sustentação de uma política pós-identitária e *queer*, que fala e evidencia os corpos que vivem na fronteira do limite do gênero e sexo. Dessa forma, seu pensamento é para nós fundamental e sustenta o exercício que aqui desenvolvemos, é imprescindível dentro de nossa discussão dialogar com autores e autores que aprofundam os estudos *queer* e principalmente quando se trata de uma autora brasileira, o que acaba por aproximar a teoria a nossa realidade social.

---

<sup>6</sup> A teoria *queer* amplamente mencionada e discutida neste e em diversos outros trabalhos produzidos na contemporaneidade é apresentada aqui como uma das principais construções teóricas que caminha para uma política pós-identitária. Essa, fundamentada por Butler, questiona a dualidade heterossexual/homossexual e parte para um movimento que se concentra não somente em uma categorização dos sujeitos, mas para além disso, tende a questionar todo o aparato social, linguístico, educacional, etc que busca produzir identidades padronizadas e identidades que diferentes dessas, apresentam-se enquanto dissidente (LOURO, 2001, p.9).

Acercar esse trabalho às vivências de sujeitos dissidentes é de antemão reconhecer que estes têm desde o início do século XXI, reorganizado a forma como sustentam os movimentos sociais e as frentes de resistências no Brasil e no Mundo. A própria utilização do termo *queer* demonstra uma das novas formas de resistência que se inaugurou no último século, uma afirmação de si partindo de termos que essencialmente serviam para violentar e diminuir (LOURO, 2001). *Queer* significa incipientemente algo “estranho” e que é pensando em um contexto norte-americano, ou seja, um termo em inglês que quando traduzido é entendido e utilizado com um sentido pejorativo. Porém, com as novas formas de resistências e as novas correntes teóricas desenvolvidas, o termo passa a ser utilizado de outra forma, e o entendemos a partir do que diz Louro, como:

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência: um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do indecível (LOURO, 2004, p. 7-8).

A elaboração e sustentação de uma teoria *queer* e o requerimento de uma política pósidentitária releva as modernas tensões vivenciadas pelos movimentos identitários voltados para a representação política e social das minorias. A problemática que ronda os movimentos feministas e demais movimentos sociais são evidenciados por teóricas e teóricos *queer*, que apontam para uma conformidade e reprodução de valores encobertos pela lógica patriarcal. A respeito disso podemos afirmar que:

Para muitos (especialmente para os grupos negros, latinos e jovens), as campanhas políticas estavam marcadas pelos valores brancos e de classe média e adotavam, sem questionar, ideais convencionais, como o relacionamento comprometido e monogâmico; para algumas lésbicas, o movimento repetia o privilegiamento masculino evidente na sociedade mais ampla, o que fazia com que suas reivindicações e experiências continuassem secundárias face às dos homens gays (LOURO, 2001, p.4).

Dessa forma, elucidamos que existe uma profunda problemática no tocante às inúmeras tentativas de representações dos sujeitos, onde esses sistemas representativos consequentemente criam e evocam a ideia de um sujeito único, o que coincide com as propostas e os mecanismos utilizados pelos grupos dominantes, que através da produção de uma identidade comum e natural criam um “outro” que não corresponde a essas características.

Butler (2003, p. 14-15) discute essa ideia ao dizer que:

Por um lado, a *representação* serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos; por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorce o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres (grifo da autora).

Esse “sujeito” do feminismo, evoca um discurso na medida em que essa definição caminha para o apagamento e silenciamento de outras vivências que não são representadas no seio deste. Definir um sujeito do feminismo é, portanto, utilizar dos mecanismos de repressão utilizados pelos aparelhos políticos na produção de identidades “naturais” e padronizadas.

Buscar uma política pós-identitária é reconhecer o possível fracasso para o qual caminham os movimentos sociais que buscam uma representação pautada na ideia de uma identidade permanente, portanto, de acordo o que fala Stuart Hall (2006, p. 12):

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. [...] O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas.

Isso reafirma que há um movimento engendrado a partir da contemporaneidade que possibilitou profundas transformações na formação e no entendimento que se tem acerca dos sujeitos, de forma que este se apresenta agora, não mais passível de ser inteiramente representado em termos estáveis, pois se encontra em constante transformação.

Esses sujeitos têm seus corpos estrategicamente marcados. Estas representam a forma pela qual as instituições reguladoras operam a fim de exercer seu poder sobre os indivíduos, portanto, “ao longo dos tempos, os sujeitos vêm sendo indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e das normas, valores e ideais da cultura” (LOURO, 2004, p.75).

Aqueles que escapam e transgridem a esse sistema, também são marcados, mas agora de forma negativa enquanto sujeitos imorais e ilegítimos (LOURO, 2004), transgredir a esse sistema é um movimento necessário no processo de libertação do mesmo. Fazer esse movimento abertamente como é o caso de mulheres lésbicas que passam a romper com a lógica da feminilidade ao usar apetrechos e até mesmo ocupar lugares ditos masculinos é uma empreitada perigosa, todavia, necessária. Conforme o pensamento de Louro (2000, p.20):

[...] De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar "outras" identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade. O

que efetivamente incomoda é a manifestação aberta e pública de sujeitos e práticas não-heterossexuais.

O lugar de mulher lésbica que não performa feminilidade rompe com essa lógica de sexualidade privada, na medida em que a sexualidade destas e o seu desejo que neste caso se refere a alguém do mesmo sexo, está marcado em seu corpo. Essas marcas que se apresentam na forma de se vestir, no cabelo, no falar, marcas físicas de um processo de ruptura individual. Caminhar em um sentido contrário da representação e compreender e aceitar o lugar na fronteira na qual os sujeitos dissidentes são colocados, e usar deste lugar no sentido de evidenciar a falha impressa no debate que indica para uma identidade natural do ser mulher, é um instinto de sobrevivência.

Ser lésbica, ser sapatão e expressar esse eu publicamente é “parodiar” as significações que buscam fixar os sujeitos em representações estáveis. São essas as vivências que escapam da lógica padrão que busca organizar os corpos a partir de uma matriz heterossexual e imprimir nestes as marcas da identificação.

O lugar na fronteira é um lugar de resistência e para além disso, é um lugar de possibilidades que podem explorar a forma binária em que as relações de gênero são colocadas. Além do mais, é nesse processo de conhecimento e de reconhecimento do corpo enquanto *queer* que se torna possível questionar todos os processos que trabalham para construção e estratificação dos sujeitos, as ferramentas e as instituições que colaboram para com isso, ou seja, o processo de libertação de um sistema binário está para além da tentativa de tentar representar as identidades dissidentes, se concentra principalmente no exercício de questionar e descaracterizar as categorias centrais que sustentam os sistemas de representação e produções de sujeitos em níveis de dominação.

## **5. NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE UM CORPO LÉSBICO**

No decorrer da construção deste trabalho fui confrontada com a minha própria história de vida ao passar por processos vitais de rupturas epistemológicas e físicas. O meu corpo se apresentou ao longo dos anos de graduação (2018 – 2023) como sendo um lugar de compreensão da teoria e de mim mesma. A impossibilidade de dissociar as leituras e reflexões de minhas próprias vivências foi quase que instantânea. Eu sou esse corpo aqui apresentado e problematizado na teoria, esse corpo *queer*, marcado por estigmas, que vive na fronteira e nos limites, que é imoral e proibido, essa presença notória que aponta diretamente para uma fuga das determinações do ser mulher.

Somada a dimensão teórica, tornou-se necessário uma leitura da minha trajetória enquanto mulher lésbica, considerando que este trabalho é uma produção que se expande para além de uma teoria pura, e que não necessariamente retorne para ela. Neste sentido, a leitura bibliográfica não suficiente para explicitar a profundidade em que as questões aqui apresentadas tocam a minha subjetividade. Por tal razão, resgatar dimensões da minha autobiografia lésbica atende a necessidade de falar da minha própria história como ponto de compreensão da teoria e dos seus próprios limites.

### **5.1 Justificativa metodológica**

Foi no desenvolvimento desta pesquisa, em contato com o método hermenêutico vivencial explorado por Costa (2019), que optei por me colocar dentro do processo da escrita ao considerar a narrativa autobiográfica como dimensão vivencial necessária no processo de compreender a mim mesma enquanto uma mulher lésbica que performa um corpo desfeminilizado.

O movimento de me inserir e atribuir minhas vivências na construção desse trabalho, conta primeiramente com a narração dos fatos que marcam minha vida no tocante a minha sexualidade e como estes acabam por mudar completamente a minha forma de ser no mundo. Dessa forma, a narrativa representa aqui uma ferramenta poderosa na construção de um lugar de escrita e de reconhecimento de mim por meio desta. Portanto,

É nesse sentido que identificamos a contribuição de Ortega quando propõe a narrativa como prática fundamental no processo de reconhecimento da vida como biografia. É através do contar o acontecido que o homem vai se situando no seu espaço temporal e encontrando significação no seu modo de ser, uma vez que o narrar consiste em entender as realidades históricas humanas, porque a estrutura delas é histórica, e é na história de vida que o sentido das realidades humanas se encontra (COSTA, 2019, p. 142).

Destarte, o falar de si passa por um processo de reconhecimento e de apropriação da escrita e do lugar do qual eu escrevo, é por meio disso, que o conceito de Escrivência pensado por Conceição Evaristo (2020) funciona aqui como um complemento metodológico fundamental. A autora na medida em que desenvolve uma literatura que se concentra principalmente nas suas vivências enquanto mulher negra e o lugar que ela ocupa na sociedade acaba por fortalecer um viés metodológico pautado na ocupação da escrita e utilização desta afim de evidenciar a realidade partilhada, que é restrita e subjetiva as suas vivências. A mesma discorre, portanto, que,

A escrita nasceu para mim como procura de entendimento da vida. Eu não tinha nenhum domínio sobre o mundo, muito menos sobre o mundo material. Por não ter nada, a escrita me surge como necessidade de ter alguma coisa, algum bem. E surge da minha experiência pessoal. Surge na investigação do entorno, sem ter resposta alguma. Da investigação de vidas muito próximas à minha. Escrevivência nunca foi uma mera ação contemplativa, mas um profundo incômodo com o estado das coisas. É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência” (EVARISTO, 2020, p. 34).

Nesse sentido, a potência de contar minha história partindo de um lugar normalmente apagado e falando de características e da formação de um corpo considerado proibido para a lógica hétero normativa, é sem dúvidas, utilizar do poder da ciência e da escrita para viabilizar e proliferar minha existência, podendo sem precedentes, possibilitar que meu corpo transite e ocupe espaços que me são veementemente negados.

## **5.2 Narrativa autobiográfica**

Me compreender e me aceitar enquanto uma mulher lésbica tem sido um caminho espinhoso, ao ter como lugar de vida uma sociedade local sedimentada na moral cristã e no machismo familiar. Fui desde a infância atravessada por dilemas do gênero. O interesse por esportes e brincadeiras ditas “de meninos” me fez ser vista como errante e todo o esforço ao meu redor funcionava no sentido de me “concertar”. Ser mulher foi, principalmente em minha adolescência, um ensaio.

Lembro-me de um episódio em que isso se mostrou profundamente claro. Ao ser convidada para a formatura de uma prima, na ocasião, fui questionada a respeito do que vestiria na festa. A resposta certamente era óbvia. Existe alguma outra vestimenta aceitável para mulheres em uma formatura que não seja um lindo vestido acompanhado de um belo salto? Todavia, diferentemente do que partilhavam as outras convidadas, essa regra me causava quase que instantaneamente um profundo desconforto. Nunca havia performado em um salto, e os vestidos definitivamente não me agradavam. Esse problema, entretanto, precisava ser resolvido! Eu precisava ser treinada. Minha prima providenciou dois vestidos, um para o culto ecumênico e outro para a festa de formatura. Minha tia me emprestou um salto. Lembro que fui para o quarto, coloquei o salto, ajustei o espelho em um ângulo em que fosse possível observar meus passos, e passei a ensaiar, como se estivesse naquele exato momento definitivamente aprendendo a andar.

Esse e outros episódios foram gradativamente moldando minha feminilidade. Aos poucos fui compreendendo por quais tipos de roupa precisava me interessar quando fosse às compras com minha mãe. Compreendi que precisava saber o básico sobre maquiagem para que

fosse socialmente aceita entre as outras meninas. Moldei-me no intuito de caber, porém, a inquietude deste processo me atravessou diversas vezes. Tive por inúmeras razões o sentimento de não caber ou até mesmo de possivelmente transbordar. Meu corpo não se ajustava; meus interesses não pareciam ser moldados a este corpo que parecia quase indomesticável.

Busquei na igreja e através da religião outras possibilidades de educar meu corpo. Pude por um tempo educar o espírito. Todavia, diferentemente do que imaginava, minhas vivências não estavam desconectadas do restante dos indivíduos, por conta disso, esbarrei no meio deste processo com meus próprios desejos, estes que não se encaixavam dentro da lógica da heterossexualidade, o que demonstrava um problema claro e uma “falha” que precisava também de solução.

Foi no ambiente religioso que dei início a dois movimentos fundamentais da minha vida: o de me conhecer enquanto mulher lésbica e o de tentar a todo custo camuflar isso. Nós da comunidade LGBTQIAPN+ fazemos esse movimento quase que naturalmente. Descobrir-se está imediatamente associado a esconder-se, e neste sentido, me vejo no pensamento de Louro (2000, p. 18) quando entendo que “as coisas se complicam ainda mais para aqueles e aquelas que se percebem com interesses ou desejos distintos da norma heterossexual. A esses restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação”.

Ao longo do meu processo de aceitação, fui atravessada pelas heranças de um movimento constante de domesticação do meu corpo, enquanto me compreendia como sendo uma mulher com desejo por outras mulheres. Buscava a todo instante internalizar isso no mais profundo de mim, até que fosse possível não sentir mais. Guardava isso como um segredo obscuro e profano. Buscava parecer a mais feminina possível a fim de esconder esta minha tendência “errante”. Vestia-me de acordo com o que é proposto pelo ideal de mulher exemplar, passei a usar maquiagem e valorizava profundamente o fato de ter cabelos tão longos.

Recupero esses episódios com o intuito de relacioná-los com o que tem sido aqui debatido, a não naturalidade do gênero, o “tornar-se” mulher como diz Beauvoir (1970) que pelas diversas e repetidas compulsões do gênero são reiteradamente repetidas através das roupas, do comportamento, da forma de falar, dos cortes de cabelo, dos livros que lemos, das atividades que realizamos dentro do coletivo. Ser mulher é, portanto, um eterno tornar-se.

Em um primeiro momento, passei a internalizar em mim as marcas de gênero, o modo de ser mulher, evidenciando as marcações impostas ao meu corpo que parecia até o momento uma saída inteligente. Romper com esse projeto de existência seria automaticamente ter no meu corpo novas marcações que inversamente ao vivido pelas representações padrão, me colocariam em um lugar de subjeção, perigoso socialmente e na fronteira do permitido.

O lapso temporal foi necessário para que eu pudesse compreender quais sujeições estavam me inquietando. O processo de migração para esse novo lugar de compreensão de mim mesma teve como ferramenta fundamental a materialização dos meus desejos mediante diálogos com amigos e familiares sobre as minhas questões ligadas a minha identidade de gênero e orientação sexual.

Como resultado do diálogo, passei a compreender-me nas rupturas da minha trajetória de mulher lésbica que já estavam em curso, passando a assumir publicamente os desdobramentos da minha sexualidade ao me permitir atender os apelos da minha subjetividade marcada pelo contrassenso do ser mulher. Falar sobre a minha sexualidade abertamente me fez compreender melhor as marcas da minha subjetividade, visto que, de acordo com Costa (2019), contar sobre um acontecimento possibilita compreender a própria vida, sendo ela sempre marcada pelo que se passa na dimensão pessoal e coletiva de cada história de vida.

Através do processo de aceitação da minha sexualidade, iniciei gradativamente um movimento de assumir em meu corpo as diferenciações do ser mulher. Me entender e me apresentar enquanto lésbica desfem (que não performa feminilidade), fez com que ocorresse todo um processo de transformação corporal, neste caso, mudanças também externas. Assumir essa outra forma de ser mulher, em uma sociedade em que conceitos de feminilidade e masculinidade são base, é decidir funcionar quase que em uma contracorrente. O processo de assumir em meu corpo essas marcas dissidentes, foi um tanto quanto desafiador, para minha família e para a sociedade na totalidade, levando em consideração que o grande problema da lesbianidade não está de fato em ser lésbica, mas no parecer ser. Portanto, a ideia de que eu gostava de mulher até que era aceitável, mas a partir do momento em que isso estava presumidamente posto em meu corpo, já se tornava um problema.

Dessa forma, passar a me comportar a partir de padrões ditos “masculinos” passou a representar um profundo desafio. Ouvi ao longo de minhas vivências, comentários que sempre me associavam ao masculino, dentro do imaginário social as lésbicas desfem “querem ser homens” ou “querem parecer homens”, ser tratada no masculino “por engano”, ou ser vista sempre como a ativa nos relacionamentos, ter que repetidamente responder a perguntas como “você tem certeza de que não é trans?”, “você nunca pensou em transicionar?”. Todas essas problemáticas rondam não somente a minha existência enquanto lésbica, mas de uma grande parte das que caminham pela via da ruptura dos padrões heteronormativos.

Nesse processo de aceitação e modificação da minha aparência, algo me marcou profundamente, ao decidir cortar o meu cabelo no formato *pixie cut* (um corte de cabelo em que as laterais do cabelo ficam baixas e se concentra um volume no topo). Enfrentei um grande

conflito externo e interno, primeiro por estar definitivamente assumindo em meu corpo uma aparência socialmente ligada ao masculino e segundo por estar rompendo com uma lógica quase que completa de feminilidade.

Ao longo do tempo, a partir do contato com literaturas que falam a respeito das vivências do corpo lésbico, pude compreender o que compunha o meu imaginário de ser mulher, o que conflitava em estar associada a figura do masculino, de ser chamada de sapatão, de ter a minha feminilidade questionada. Compreendi que os desafios de ser lésbica se encontram justamente no enfrentamento as autoimagens que conflitam com o desejo e a liberdade de ser a partir dos apelos subjetivos que passam por um processo de reconhecimento e aceitação de si.

As minhas rupturas e reconstruções desafiaram os limites dos estereótipos sexistas através das minhas roupas, do meu cabelo e do meu corpo como um todo. Passei a brincar com os papéis de gênero desafiando os padrões femininos sem conflitar com o que me identifico enquanto mulher. Sinto cada vez mais o meu corpo como sendo o lugar de manifestação da minha liberdade criativa.

É neste sentido que o falar de mim ocupa um espaço de compreensão nesta pesquisa, levando em consideração o peso e a importância que a narrativa representa para nós nesta construção.

Este trabalho representa, portanto, uma ampliação desse exercício de autocompreensão, que também é legítimo e necessário. Além de representar e solidificar a caminhada que venho construindo teoricamente nos últimos anos, revela em paralelo a constituição de um projeto de existência que se compreender na perspectiva de uma mulher lésbica que se assume também em seu corpo produz.

Como já afirmava Louro (2001, p. 6) “[...] outros não se contentam em atravessar as divisões, mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira. A nova dinâmica dos movimentos sexuais e de gênero provoca mudanças nas teorias e, ao mesmo tempo, é alimentada por elas”. É neste lugar no qual eu me encontro, lugar que confunde as afirmações acerca de meu próprio corpo. O movimento de ter em meu corpo marcas do masculino e do feminino tornou-se propositalmente um instrumento de resistência contra a lógica dominante, e é neste movimento de poder e fazer-me que resisto e ocupo, transitando nos limites do gênero e utilizando-o como instrumento de crítica a mim mesma, evidenciando não naturalidade do ser mulher.

Por meio da educação, da pesquisa e da ciência pude não só me compreender enquanto sujeito, mas para além disso, pude gozar da sensação de me sentir participante do processo de

ruptura com essa lógica normativa, principalmente a partir do momento em que me coloco aqui, explorando essa narrativa e conciliando-a com minha trajetória de mulher lésbica.

Não me contentar com o que está posto enquanto categorias fixas sobre quem e como eu deveria ser, está nas linhas e entrelinhas deste trabalho. Enquanto leem-no, vocês leem a mim e a tantas que na academia ou fora dela resistem às normas e recriam-nas a partir de sua existência subversiva.

Produzir uma discussão tão próxima de minhas vivências me trouxe a sensação de estar através da escrita e por meio dela ecoando gritos de liberdade. O significado que tem de me perceber lendo e escrevendo sobre lesbianidade, utilizando de algumas autoras que também se encaixam nessa percepção, e algumas delas que partilham da vivência de mulher lésbica desfeminizada é imensurável. É por isso, que essa produção sai de mim, sobre mim, e vai ao encontro de todas que comigo compartilham desse lugar.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como objetivo ecoar as vozes daquelas que se manifestam e residem na fronteira das representações padronizadas dos sujeitos, que têm em seus corpos a marca da rejeição, mas que não anulam sua existência a isso, pelo contrário, resistem e reformulam formas de contestações à essas estruturas de significação.

Ao retomarmos os principais aspectos das autoras aqui trabalhadas, consideramos que a base teórica sustentada na literatura de Beauvoir, Butler e Louro, nos aponta para questões tangentes ao sujeito vivencial que atravessa a minha trajetória de existência.

Simone de Beauvoir ao reclamar o lugar de subjeção que a mulher assume no seio da sociedade, esse lugar que é reiteradamente sustentado por meio de concepções teóricas a das principais instituições sociais que mantem a sociedade como a família, igreja, escola etc; que através de um discurso biológico que aponta para uma naturalidade do sexo e do gênero e que funciona como ferramenta para a construção e manutenção de uma matriz heterossexual e binária. e que às enclausuras a um destino natural e que se inscreve na cultura apontando para uma posição de inautenticidade, realidade esta que é contestado e cada vez mais transformado por aquelas que buscam romper com essas amarras através de um movimento conjunto e um esforço coletivo de contestação desse lugar naturalizado e cristalizado cultural e socialmente, fundando assim grupos de identificação que buscam sua libertação, como é o caso dos movimentos feministas inter-raciais, os movimentos *queer*, e tantos outros movimentos organizados nesse sentido.

A discussão levantada por Beauvoir em *O Segundo Sexo*, encontra uma barreira teórica na medida em que a evolução e as mudanças sociais transformam a ideia de sujeito, e por meio disso, alguns teóricos contemporâneos passam a produzir um arcabouço teórico que busca superar o que vinha sendo trabalhado até então.

Judith Butler sustenta no seu pensamento feminista um movimento de ruptura e superação teórica, trabalhando no sentido de formular um aporte teórico capaz de dar conta das questões de gênero, sexo e sexualidade da atualidade, a primeira categoria que a autora tende a superar é a do binarismo de gênero, além da compreensão de que há um problema que envolve as discussões que vinham sendo desenvolvidas até então. Concentra suas críticas no perfil representativo que os movimentos sociais buscam construir, com o intuito de delimitar e sustentar uma identidade a ser representada politicamente, de acordo com o seu pensamento. Essas representações geram uma série de invisibilizações e apagamentos dos sujeitos que não podem ser compreendidos dentro de um sistema binário de representação.

Através da presença escrita e vivencial de Guacira Louro no cenário intelectual brasileiro, entendemos que seu pensamento nos auxilia a pensarmos em uma política pós-identitária, que possibilita reformular a maneira como se busca as reivindicações políticas e jurídicas para os grupos invisibilizados, neste caso aqueles que fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+, negros, latinos, mulheres etc, não dispendo mais dos mesmos mecanismos que são utilizados para aprisioná-los e marcá-los.

A própria existência de ser mulher em uma sociedade machista e patriarcal é por si só ameaçadora, são constantemente elaboradas formas de nos fazer voltar aos lugares de sujeição, existir enquanto mulher lésbica e que não performa feminilidade é se dispor duplamente a subverter o sistema. Nossa existência é subversiva, nossos corpos marcados com o intuito de serem apagados, não passam despercebidos, nós somos o indesejado indiferente que balança as estruturas do naturalmente feminina e do essencialmente mulher.

## REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S. **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1970a.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: A Experiência Vivida**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1970b.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Local de publicação: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CASTIM, F. JOHN AUSTIN E OS ATOS DE FALA. **Revista Ágora Filosófica**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2017. DOI: 10.25247/P1982-999X.2017.v1n1.p84-95. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1004>. Acesso em: 03 jul. 2023.

COSTA, Edson Ferreira da. **A dimensão biográfica da vida humana na filosofia raciovitalista de José Ortega y Gasset**. 2019. 171 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020b. p. 26-46.

FIRMINO, Flavio; PORCHAT, Patricia. **Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de "Problemas de Gênero"**. São Paulo: Editora, 2017.

LINO, Tayane Rogeria. Nas fissuras da história: o movimento lésbico no Brasil. **Revista Movimentação** Mato Grosso do Sul:, v.6. 2019. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/10547>>. Acesso em: 03 jul.2023.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer - uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RODRIGUES, Carla. **Ser e Devir: Butler leitora de Beauvoir**. Local de publicação: Editora, 2019.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.